



Salvamento de judeus por judeus no Holocausto – oxímoro histórico

Rescue of Jews by Jews in the Holocaust-Oxymoron History

Avraham Milgram*

Historiador do Yad Vashem | Jerusalém, Israel

avraham.milgram51@gmail.com

Resumo: Este artigo se propõe a discutir o salvamento de judeus por judeus durante o Holocausto. O fenômeno mais conhecido de salvadores de judeus se refere aos Justos das Nações, não judeus que arriscaram suas vidas para salvar judeus sem exigir nada em troca. Apesar da contiguidade de ambos os fenômenos, as diferenças superam as semelhanças. O salvamento de judeus por judeus é um fenômeno desconhecido e, indubitavelmente, menos conhecido comparado com a saga dos Justos das Nações. Ao final, concluímos com a ausência deles na memória do Holocausto.

Palavras-chave: Holocausto. Salvamento. Judeus.

Abstract: This article proposes to discuss the rescue of Jews by Jews during the Holocaust. The best-known phenomenon of Jewish saviors refers to the Righteous of Nations, non-Jews who risked their lives to save Jews without demanding anything in return. Despite the contiguity of both phenomena, the differences outweigh the similarities. The rescue of Jews by Jews is an unknown phenomenon and, indubitably, less known compared to the saga of the Righteous of Nations. In the end, we conclude with their absence in the memory of the Holocaust.

Keywords: Holocaust. Rescue. Jews.

Este artigo se propõe a discutir o salvamento de judeus por judeus durante o Holocausto. O fenômeno mais conhecido de salvadores de judeus se refere aos Justos das Nações, não judeus que arriscaram suas vidas para salvar judeus sem exigir nada em troca. Apesar da contiguidade de ambos os fenômenos, as diferenças superam as semelhanças. O salvamento de judeus por judeus é um fenômeno, indubitavelmente, menos conhecido comparado com a saga dos Justos das Nações. Na historiografia sobre o Holocausto, não encontramos referência a estes a exemplo de outros grupos

* Historiador e pesquisador do Yad Vashem (The World Holocaust Remembrance Center Jerusalém, Israel).



como os *partisans*, a resistência, os guetos, a *Judenräte*. Ao final deste texto, faremos referência a ausência deles na memória do Holocausto. Poderiam judeus salvar judeus ou a salvação de judeus é pertinente a não judeus apenas?

Entre as dezenas de histórias de salvadores judeus que constam da antologia que publiquei em 2014,¹ poucos tiveram *happy end*. Em geral, ocorreu o inverso. Este estudo proporcionará um melhor entendimento da situação *sui generis* dos judeus sob ocupação nazista, de sua impotência, dependência e isolamento absoluto a que se sujeitaram. Essa condição determinou, em grande parte, o destino que tiveram no Holocausto.

Na literatura e na memória do Holocausto, de 1933 a 1945, dificilmente encontramos limites que separam a ajuda prestada a judeus perseguidos anterior à implementação da chamada "Solução Final" das ações com propósitos de salvá-los da morte. É possível constatar que ações de auxílio a judeus perseguidos no III Reich, anteriores à execução da "Solução Final", foram considerados, a posteriori, como ações de salvação. Até mesmo a comissão oficial do Yad Vashem, que reconhece e honra os Justos das Nações com diplomas e medalhas, considerou ações de ajuda a judeus perseguidos, após a Guerra, foram compreendidas como sendo de salvação.

Este é o caso dos diplomatas que ajudaram judeus perseguidos à revelia de seus governos nos anos 1938-1940. Tomemos como exemplo o cônsul chinês em Viena, Feng Shan Ho, que concedeu vistos para judeus abandonar a Áustria anexada, à Shangai em 1938,² ou do cônsul português Aristides de Sousa Mendes, que viabilizou a saída de milhares de refugiados no verão de 1940 da França, a países de além-mar via Portugal.³ O mesmo se deu com os vistos outorgados pelo embaixador brasileiro Luiz de Souza Dantas em oposição aos decretos-leis determinados pelo Estado Novo para restringir a entrada dos chamados "indesejáveis".⁴

Após o final da Guerra, esses diplomatas e seus beneficiários entenderam que os vistos outorgados em desobediência à ordens superiores não só ajudaram vítimas de políticas antissemitas como também salvaram-nos da morte. Portanto, para discernirmos ações de ajuda antes da "Solução Final" dos esforços para salvá-los durante sua implementação, julgamos necessário limitarmo-nos ao período do genocídio, de meados de 1941 até a derrota da Alemanha e de seus colaboradores.

Em 1933, ao iniciar o Holocausto, organizações judaicas, dentro e fora da Alemanha, se engajaram para auxiliar judeus, principalmente pela iniciativa das organizações de grande amplitude e capacidade de ação, comprometidas com a existência e a

¹ MILGRAM, 2014.

² MILGRAM, 2010, p. 93.

³ AFONSO, 2011; WHEELER, 1989, p. 119–139.

⁴ KOIFMAN, 2002.



sobrevivência do povo judeu como a JOINT (The American Jewish Joint Distribution Committee), o HIAS-HICEM, Congresso Judaico Mundial e a Agência Judaica. Porém, as lideranças, emissários e funcionários dessas organizações atuavam em países livres ou neutros como a Suíça, Portugal e Turquia, em condições seguras, calmas, de escritórios segundo padrões burocráticos e rotinas próprias de ambientes onde não se corria perigo de morte,⁵ à diferença das situações nas quais atuaram os judeus salvadores que serão objeto deste estudo. Portanto, sugiro estabelecer os seguintes critérios para definir judeus que tentaram e\ou salvaram judeus:

- a) aqueles que puseram suas vidas em perigo em prol de outros judeus apesar de serem eles próprios vítimas potenciais da política de extermínio dos nazistas e seus colaboradores;
- b) os que se esforçaram em salvar judeus desconhecidos, sem que houvesse parentesco familiar, relações de amizade ou qualquer relação entre eles. Trata-se de judeus que não foram movidos por razões pessoais ou íntimas para salvar outros judeus da morte;
- c) aqueles que por intuição, conhecimento da realidade, ou por se encontrarem em regiões onde ocorreram morticínios de judeus, tiveram a percepção que não se tratava de um episódio local ou passageiro porém de um processo para destruir o povo judeu;
- d) os que salvaram judeus no período da execução da 'Solução Final' nos anos 1941-1945.

Do ponto de vista metodológico e dos critérios mencionados, é mister focalizar a salvação de judeus por judeus principalmente nos territórios conquistados da Polônia onde metade das vítimas do Holocausto lá viveram e morreram. Nos países da Europa ocidental (Holanda, Bélgica e França), a salvação de judeus por judeus foi mais bem sucedida. Lá, à diferença da Polônia ocupada, dos países bálticos e de parte dos territórios da União Soviética, surgiram redes clandestinas de salvação de judeus por não judeus com participação de judeus e, por vezes, por iniciativa dos próprios. Na perspectiva dos movimentos clandestinos antinazistas desses países, à diferença do Leste europeu, a salvação de judeus fazia parte da resistência contra os ocupadores alemães e também demonstrava patriotismo.

Mas não só, é preciso considerar que o nível de agressão, opressão, brutalização e criminalização dos alemães contra as populações eslavas foi incomparavelmente maior do que o infringido aos holandeses, belgas, franceses ou dinamarqueses.

⁵ COHEN, 1999; ESHKOLI, 1990, p. 181-192; sobre atividades dessas organizações em Lisboa: MILGRAM, 2011, p. 127-223; LESHEM, 1969, p. 231-255; na Suécia: ADLER-RUDLER, 1966, p. 213-241; na Turquia: OFER, 1974, p. 435-450.



Todos esses eram considerados arianos na concepção nazista, e não inferiores do ponto de vista racial, conforme eram concebidas as populações eslavas. Porém, a disparidade nas políticas contra populações consideradas arianas vis-à-vis eslavas não dizia respeito aos judeus holandeses, por exemplo, visto que 75% dos judeus da Holanda, pouco mais de 100.000 de um total de 140.000 judeus que lá viviam em 1941, foram exterminados nos campos de extermínio. Essa é uma das estatísticas mais elevadas no contexto das comunidades judaicas assassinadas no Holocausto.⁶

1 Judeus impotentes e cristãos moralmente desobrigados

No final do mês de outubro de 1942, duas jovens mães judias, com seus filhos pequenos, escaparam de uma *aktion*⁷ das SS no gueto Szczebrzeszyn, para se esconder na floresta próxima à cidade. Passadas poucas semanas, no dia 18 de novembro, elas e seus filhos se apresentaram à polícia alemã de Szczebrzeszyn para que os gendarmes alemães atirassem e acabassem com suas vidas. "As crianças estavam quase mortas de fome" registrou Zygmunt Klukowski, o médico polonês e diretor do hospital, no seu diário.⁸ Podemos imaginar o nível de desespero e de penúria das mães e de seus filhos para preferir morrer instantaneamente pelos tiros dos assassinos a sofrer uma morte lenta, abandonados, famintos, com frio, nos bosques como se fossem leprosos. "Quem não foi assassinado pelos alemães morreu pelas mãos dos poloneses" escreveu Dora Fleischer, uma jovem que fazia trabalhos de jardinagem no hospital sob a direção de Klukowski, depois da guerra em 1947.⁹ Nos dias da liquidação do gueto, que ocorreu entre 21 e 24 de outubro 1942, ela se escondeu num sótão e depois fugiu para a floresta. Dora sobreviveu ao Holocausto.

Situação semelhante vivenciaram Aryeh e Malwina Klonicki de Buczacz¹⁰ em julho de 1943. O casal e um bebê, que os pais deram o nome de Adam e nasceu um ano antes escaparam do gueto em direção às aldeias vizinhas para tentar sobreviver com a ajuda da população rural. No dia 7 de julho, Aryeh registrou no seu diário:

Um novo período iniciou-se aqui, a partir do final de junho de 1943: é a era da liquidação. Ao judeu não lhe é mais permitido permanecer vivo [...]. Não fosse o ódio dos habitantes locais, a gente poderia ainda encontrar um modo de se esconder. Mas,

⁶ GRIFFIOEN; ZELLER, 1998, p. 126-153.

⁷ Operação de expulsão de judeus para o local do seu assassinato, em cemitérios, em bosques nas cercanias dos *shtetls* e deportados em massa aos campos de morte.

⁸ KLUKOWSKI, 1993, p. 235 .

⁹ Testemunho de Dora Fleischer. *Arquivo Yad Vashem*, M.1.E\1502.

¹⁰ *Shtetl* da Galícia Oriental. Lá nasceram o escritor Shmuel Agnon, laureado com o Nobel de literatura em 1966, e o historiador e fundador do arquivo secreto do gueto de Varsóvia, *Oneg Shabat*.



do jeito que estão as coisas, está difícil. Todo pastor ou criança cristã que vê um judeu delata-o imediatamente às autoridades, que logo saem em sua busca. Há cristãos que escondem judeus em troca de pagamento e depois eles próprios roubam seus pertences e os entregam às autoridades. Há cristãos que se especializaram em descobrir judeus escondidos.¹¹

Esses exemplos refletem o cotidiano trágico de milhares de judeus que escaparam dos guetos quando a totalidade dos seus habitantes haviam sido enviados aos campos de extermínio. Na Polônia ocupada, isso ocorreu a partir da primavera de 1942. Embora esses fugitivos tenham se livrado do infortúnio da deportação aos campos de extermínio, seu final não foi menos trágico. Eles sobreviveram meses e, por vezes, anos, sob constante tensão em meios hostis, sobrecarregados de ódio, de inveja e de medo que a população cristã das zonas rurais sentia pelos judeus. Eles haviam deixado tudo para trás e o pouco que possuíam era rapidamente consumido na compra de alimentos, no pagamento de esconderijos e, não raramente, perdido por caírem vítimas de extorquidores. Eram, em sua maioria, indivíduos solitários remanescentes de grandes famílias, às vezes, eram famílias inteiras ou parte delas, mulheres, crianças, idosos e doentes.

Quando se tratava de vários fugitivos, geralmente era um deles que os liderava. Por carisma ou intuição, ele orientava os demais na busca por mantimentos, nas andanças de um lugar a outro, tomando precauções para não se exporem e evitarem ser reconhecidos ou pior, caírem em armadilhas que os conduziriam à morte. Essas eram inevitáveis, visto que a população local delatava-os aos alemães quando não eram assassinados por gangues armadas de vários matizes que se moviam nas florestas ou pelas mãos de camponeses motivados por antissemitismo, cobiça ou medo.

Após a liquidação dos guetos, os gendarmes da polícia alemã iniciaram a caça aos judeus, que eles chamaram de *Judenjagd*, para denominar a busca e o assassinato de judeus escondidos, principalmente nas zonas rurais da Polônia ocupada.¹² Mas não só. Recentemente, num estudo do historiador canadense Jan Grabowski, sobre a colaboração da polícia polonesa com os alemães, ele demonstra como o termo era usado nos departamentos da polícia polonesa em Varsóvia para encontrar judeus que se ocultaram após a revolta do gueto de abril-maio de 1943.¹³ O famoso

¹¹ KLONICKI, 1973, p. 25.

¹² GRABOWSKI, 2013.

¹³ GRABOWSKI, 2017, p. 1-33. Grabowski revela nos seus últimos estudos a ampla participação da população civil, de membros da polícia polonesa e da Resistência armada nacional polonesa no processo da “Solução Final”. Não surpreende o atual



historiador Emanuel Ringelblum, sua mulher, filho e mais três dezenas de judeus escondidos, por exemplo, foram vítimas da *Judenjagd*. Segundo Grabowski, em torno de 250.000 judeus salvaram-se das deportações, porém, apenas 40.000 a 60.000 deles sobreviveram ao Holocausto, ou seja, cerca de 1% do total dos judeus que viviam na Polônia antes da Guerra.¹⁴ A maioria dos que escapuliram das *aktionen* e se ocultaram foram assassinados por policiais alemães, poloneses e civis, principalmente nas zonas rurais.

Barbara Engelking, psicóloga e socióloga polonesa, usou apropriadamente a metáfora "deserto de humanidade" para descrever o processo de desintegração psicossocial dos judeus em busca de ajuda e proteção em situações impossíveis de sobreviver no meio rural polonês-cristão:

A experiência existencial do destino errante baseou-se no encontro contínuo com o deserto de humanidade, tanto no sentido literal – falta de ajuda, encontros com pessoas desconectadas da própria realidade, da constante e contínua necessidade de assistência adicional – quanto na sensação do deserto humano no sentido psicológico – a busca infrutuosa de compreensão e a luta para manter a fé em outros seres humanos. Fé esta que poderia salvar sua alma. Sendo rejeitado, recusado, negado, recebendo mensagens verbais e não verbais de morte, ameaças, perigo e confrontando-se com aversão e indiferença, tudo isso deve ter contribuído não apenas para a morte física, mas também psicológica e espiritual, na perda da fé e da esperança e até o desespero final. Um deserto de humanidade também é uma experiência de exclusão, ostracismo, quando se é privado do direito de pertencer à humanidade, do direito à fraternidade.¹⁵

Os motivos imediatos que conduziram a ofensiva contra os judeus e a sua ausência de defesa durante a ocupação alemã foram consolidados no período entreguerras. Certamente, a infraestrutura ideológica, social, cultural e psicológica do

governo polonês, conservador, católico e de direita, considerá-lo antipatriota e *persona non-grata* igual ao seu colega norte-americano de origem polonesa, Jan Tomasz Gross, autor do polêmico *Vizinhos: a história do massacre dos judeus de Jedwabne, na Polônia, 2010*, estudo que incide frontalmente nos aspectos obscuros, problemáticos e criminosos de poloneses contra judeus durante a Segunda Guerra.

¹⁴ GRABOWSKI, 2017, p. 2-3.

¹⁵ ENGELKING, 2016, p. 60.



antissemitismo redentor nazista, na concepção de Saul Friedländer,¹⁶ foi amplamente aceita, principalmente na Europa Oriental. A construção do judeu na figura do mais vil dos seres humanos e inimigo da humanidade se produziu durante e em reação à emancipação dos judeus nos âmbitos do nacionalismo exacerbado, das crises econômicas, da era dos fascismos, da estereotipia e pavor do "judo-comuna" que os antissemitas alegavam ser aquele que fomenta e desequilibra o mundo com suas revoluções para usufruto próprio.

Por conseguinte, os alemães, ao legitimar procedimentos criminais contra os judeus, da discriminação ao assassinato, eles legitimaram, paralelamente, a impunidade individual e coletiva dos agressores contra os judeus. No leste europeu, atacar e matar judeus não era crime, pelo contrário, muitas vezes aceito em termos patrióticos. Antissemitismo e cobiça eram, sobretudo, razões triviais da perseguição, roubo e assassinato de judeus. O jornalista polonês Kazimierz Sakowicz vivia num casebre nas imediações de Ponary, uma floresta situada à 9 quilômetros de Vilnius (Wilno). Nesse *killing site*, os nazistas e os lituanos assassinaram em torno de 70.000 judeus nos anos 1941 a 1944. Como morava nas imediações, ele podia ouvir os fuzilamentos de judeus e os registrava no seu diário: "Para os alemães, 300 judeus são 300 inimigos da humanidade ao passo que para os lituanos são 300 pares de sapatos, calças e objetos afim" anotou no mês de Agosto de 1941.¹⁷ Seria a cobiça dos lituanos a principal motivação para o assassínio em massa de judeus? Não teria o autor do diário facultado mais crédito do que devia aos assassinos lituanos visto que seu antissemitismo e avidez se complementavam?

Depois que os nazistas decretaram pena de morte a todo aquele que protege ou oculta judeus (por dinheiro ou não), bastava a presença de um judeu para provocar medo e pânico na população e, conseqüentemente, sua delação às autoridades que imediatamente punham fim à sua vida. Assim, simbolicamente, a presença de um judeu era uma ameaça de alguém infectado com o vírus da morte.¹⁸ Após a operação Barbaroxa, era amplamente sabido nas regiões da Europa Oriental que o destino dos judeus estava selado, que não iriam sobreviver. Muitos sabiam, outros mais supunham e procediam como se soubessem, menos os judeus, os últimos a saber e a perceber o que lhes esperava. Os judeus lutaram uma guerra perdida pela sobrevivência e foram derrotados.

2 Ativismo judaico inútil

Teriam os judeus atingido melhores resultados e maiores chances para sobreviver se houvessem demonstrado vigor e militância por intermédio de ações práticas,

¹⁶ FRIEDLÄNDER, 2012, p. 117-164.

¹⁷ ARAD, 2005, p. 16.

¹⁸ ENGELKING, 2016, p. 61.



recusando-se aceitar a realidade que lhes foi imposta para mudar seu destino? Vejamos alguns exemplos paradigmáticos (entre muitos) que ocorreram na Polônia ocupada e em regiões mais ao leste. Às 18 horas de uma sexta-feira de inverno do dia 6 de novembro de 1942, dezoito *partisans* armados, a maioria judeus, invadiram o campo de trabalho de Janiszow, nas proximidades de Lublin, e proclamaram em altos brados: "Judeus, salvem-se". Yehoshua Pintel, ex-prisioneiro e policial judeu de Janiszow, era o chefe da operação de salvação. Ele havia escapado poucas semanas antes do campo para retornar com um grupo de combatentes armados, vingar e libertar os judeus. Peter Ignor, o comandante alemão e alguns poucos soldados subordinados a ele foram imediatamente justicados e mortos.

Os *partisans*, que integravam o movimento armado comunista polonês Gwardia Ludowa, levaram consigo armas, mantimentos e apenas dez ou quinze prisioneiros do total dos judeus do campo para a floresta.¹⁹ Um dos prisioneiros que os *partisans* se recusaram a levar, P. Cristal, era inclusive amigo do chefe dos libertadores. Depois do final da Guerra, ele testemunhou "que esta operação foi de pouca valia. Pagamos um preço caro. Eles [os *partisans*] não quiseram nos levar [para a floresta]. [...] Eu também podia ter ido mas eu tinha um filho menor comigo que eles se recusaram a levar. Fiquei portanto no campo".²⁰ Entre os prisioneiros libertados, vários decidiram permanecer no campo enquanto outros optaram por fugir para as florestas. Poucos sobreviveram. A maioria foi assassinada pelos alemães e por seus colaboradores, outros foram delatados por camponeses ou traídos por quem lhes deu abrigo.

Nas cercanias de Zawichost, um *shtetl* às margens do rio Vístula no distrito de Lublin, havia outro campo de trabalho com 1.700 prisioneiros judeus. Quando eles souberam da *aktion* que deixou Zawichost *Judenrein* (limpa de judeus), eles se revoltaram matando os guardas das SS e o comandante conforme testemunhou Zelig Helman, um dos sobreviventes da revolta. Mas o destino deles não foi diferente dos judeus de Janiszow e de outros campos de trabalho de onde fugiram judeus às florestas.²¹ *Sui generis* foi a atitude do chefe do *Judenrät*²² do gueto Markuszow, (situado ao noroeste de Lublin), Shlomo Goldwasser, que informou aos judeus do gueto sobre a iminente *aktion* planejada pelos nazistas para o dia 9 de maio de 1942. Naquela manhã, antes do início da *aktion* de deportação para o campo de extermínio

¹⁹ SILBERKLANG, 2013, p. 359-36.

²⁰ Testemunho de P. Cristal. *Arquivo Yad Vashem*, M.1.E\571.

²¹ *Arquivo Yad Vashem*, M.1.E\1646. Esse testemunho é o único que existe nos arquivos do Yad Vashem sobre o ocorrido no campo Zawichost. Isto é um mal indício, prova que pouquíssimos sobreviveram, muito menos comparado a Janiszow.

²² Conselho de judeus nomeado pelos alemães como instrumento para cumprir ordens contra os judeus.



de Sobibor, a maioria dos judeus haviam fugido para os bosques e florestas das cercanias.

Lá, eles se confrontaram com uma série de obstáculos que lhes impediram sobreviver: os judeus desconheciam a região, sofreram fome e frio, foram facilmente identificados pela população local, cometeram erros táticos, foram vítimas de extorsão, delação e assassinato por alemães e, vez por outra, por camponeses poloneses.²³ Jovens que também fugiram dos guetos de Markuszow e de outros como Michow, Kurow e Kamionka, da região noroeste de Lublin, decidiram combater e se tornar *partisans*. A princípio, eles ajudavam famílias e grupos enfiados nas florestas com mantimentos e informações sobre camponeses confiáveis por um lado e alertavam-nos sobre o movimento de alemães e outros inimigos por outro.

Porém, logo após a fuga massiva de judeus desses guetos, começou a *Judenjagd*, a caça aos evadidos judeus pelos alemães com a participação de policiais poloneses e camponeses da região. Às vezes, a iniciativa era dos próprios camponeses que encontravam judeus escondidos e os assassinavam ou delatavam para os alemães.²⁴ As chances desses judeus sobreviverem eram menores em contraposição aos *partisans*. Foram os últimos, via de regra, que testemunharam sobre o destino trágico da maioria que submergiu.²⁵ Na região de Lublin, e não só, encontram-se várias fossas comuns com restos de fugitivos dos guetos.

Rachel Auerbach era uma talentosa escritora, ativista social e membro do arquivo secreto do gueto de Varsóvia, *Oyneg Shabes*, que o historiador Emanuel Ringelblum, seu criador e mentor, convocou para colaborar em 1941.²⁶ Naquele ano, os alemães expulsaram dezenas de milhares de judeus da periferia de Varsóvia que vieram a se transformar numa enorme massa de refugiados paupérrimos, famintos e doentes que muito contribuiu para que se criasse o caos socioeconômico do gueto.²⁷ Naquele ano, Auerbach passou a dirigir a cozinha popular na rua Leszno 40, função que lhe permitiu observar e acompanhar a decadência, a degradação e o afinamento da população do gueto em geral e dos refugiados em particular. As crônicas que ela registrou no seu diário revelam sensibilidade aos indigentes que ela encontrava diariamente na cozinha popular e nas ruas do gueto e são de alto nível literário.²⁸

²³ SHTOKFISZ, 1955, p. 155-194.

²⁴ KRAKOWSKI, 1984, p. 61-62.

²⁵ GRUBER, 1974, p. 113-148; BLEICHMAN, 2009.

²⁶ KASSOW, 2009, p. 250-259.

²⁷ O estudo mais completo sobre os refugiados judeus em Varsóvia e no gueto é de autoria de PRAIS, 2015; resenhado por GOLBERG, 2017, p. 187-202.

²⁸ AUERBACH, 1954, p. 17-45.



Na crônica do dia 13 de fevereiro de 1942, ela chega à triste conclusão de que tudo o que ela e seus colegas haviam feito até então em prol dos necessitados havia sido inútil:

Novamente um pequeno balanço sobre a colheita da morte. E o que eu poderia escrever sobre meu trabalho na cozinha? Pouco a pouco, percebi que todo o trabalho das nossas instituições de caridade deveriam, por justiça, chamar-se morte por parcela. O único resultado de nosso trabalho é talvez evitar que todo o gueto não morra de uma só vez, que a morte seja de certa forma regulada, que de alguma forma se possa enterrar os corpos. Evitar o destino predestinado à alguém está acima das nossas possibilidades.²⁹

Exemplos como esses, e muitos outros, induziram a historiadora Leni Yahil à conclusão de "que à parte de algumas exceções, a maior parte dos esforços [de judeus] para continuar em vida, tanto da maioria como de indivíduos, foram ao final em vão".³⁰

3 Adversidades e reações à beira do abismo

No Leste europeu, após os primeiros assassinatos em massa executados pelos *Einsatzgruppen* e seus colaboradores, judeus, principalmente jovens, optaram por fugir para as florestas em vez de permanecer nos guetos, cumprir trabalhos forçados e viver uma vida indigna. Para eles, o gueto era o fim da linha. No entanto, para os líderes dos guetos, os *Judenräte*, o trabalho produtivo que os judeus faziam para os alemães, por mais desprezível e indigno que fosse, era ainda a única possibilidade para sobreviver. Sendo assim, os jovens e o trabalho que produziam, eram de importância ímpar para a continuidade e a sobrevivência dos guetos. Na perspectiva das lideranças, o abandono ou fuga de mão de obra produtiva enfraquecia o coletivo e seu valor estratégico para o futuro do gueto. No gueto Radoszkowice, distrito de Wilno, oito jovens planejaram fugir. O *Judenrät* tentou dissuadir-los argumentando que eles seriam a causa da morte de todos os judeus, ameaçando "informar aos alemães se não desistirem deste plano".³¹ No dia 9 de julho de 1942, Zigmunt Klukowski registrou no seu diário que "vários judeus tentaram escapar da cidade [Szczepbrzeszyn], mas foram impedidos por outros judeus que temiam que uma fuga em massa serviria de pretexto para mais matanças por parte dos alemães".³² No gueto

²⁹ AUERBACH, 1954, p. 22.

³⁰ YAHIL, 1982, p. 105.

³¹ CHOLAVSKI, 1982, p. 141.

³² KLUKOWSKI, 1993, p. 196.



Horochow (cerca de Luck, Volhynia) judeus planejaram secretamente abandonar o gueto:

Nem todos estavam de acordo, porém mil judeus concordaram. Isto aconteceu na noite de sábado, 11 de setembro de 1942. Assim que o grupo começou a sair, policiais judeus correram e, em nome do Chefe [*do Judenrät*], Abel, nos disseram para retornar ao gueto. Eles bloquearam a estrada e obrigaram-nos a voltar para a cidade. Sua ação foi efetiva, e a maioria voltou. Mas nós, um grupo de 235 pessoas, não obedecemos ao Chefe e a polícia, e fomos para a floresta".³³

As discussões entre potenciais fugitivos dos guetos e aqueles que se opunham ou não eram capazes de fugir não levava a lugar nenhum. Não havia nada que pudesse garantir a sobrevivência de judeus fora do gueto da mesma forma que não havia garantia de sobrevivência a longo prazo dentro deles. No entanto, os métodos impostos pelos nazistas para evitar a fuga de judeus, como castigos coletivos, punição de morte ou táticas para iludir os confinados, surtiram efeito. O sistema de dominação nazista por meio do terror, da violência e das mortes originou mecanismos de autocontrole interno que enfraqueceram, neutralizaram e malograram tentativas de fuga de potenciais salvadores dos guetos às florestas.³⁴

Outro fenômeno, universal e próprio de regimes totalitários, colonialistas, conquistadores e dominadores, tem a ver com a delação. Trata-se de um fenômeno tão antigo quanto a humanidade, idiossincrático da natureza humana que sociedade alguma está imune. Exemplos paradigmáticos da imoralidade produzida pela delação enquanto mecanismo de repressão e corrupção de relações humanas, fidelidades e solidariedades encontramos no filme *A vida dos outros*,³⁵ que sucedeu na República Democrática Alemã ou no livro *K. – Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski, durante a ditadura militar no Brasil.³⁶ Ambas obras ficcionais se baseiam em realidades históricas. Esse fenômeno ocorre mormente em sociedades antidemocráticas, nas relações colonizador-colonizado e nos regimes ditatoriais de esquerda e direita. Nesses contextos, não é difícil encontrar quem esteja disposto a

³³ TRUNK, 1972, p. 460.

³⁴ Testemunho de Mendel Danciger, *Arquivo Yad Vashem*, M.1.E\360.

³⁵ Filme alemão lançado em 2006 escrito e dirigido por Florian Henckel von Donnersmarck sobre métodos utilizados pela Stasi, o serviço policial da República Democrática da Alemanha Oriental, no controle e deterioro do espaço íntimo da vida dos cidadãos.

³⁶ KUCINSKI, 2012.



colaborar, informar, revelar segredos, trair vizinhos, amigos e entregar supostos inimigos.

Desde o início, a Gestapo se nutriu de mecanismos e elementos afins para nazificar a sociedade alemã e consolidar a disciplina étnica-racial aos níveis individual, social e no espaço público do III Reich e fora dele.³⁷ "Na França, do início até o fim da Guerra, as principais vítimas dos delatores, foram aquelas que as autoridades alemãs e francesas não deixaram de apontar: os judeus".³⁸ Na Holanda, grande parte dos 8.000 judeus, de um total de mais ou menos 24.000 que se ocultaram durante a Guerra, foram presos por delação, motivada principalmente, mas não só, pela avidez e pelo desejo de enriquecimento dos seus delatores.³⁹ Quanto à Polônia, Barbara Engelking analisou as motivações por trás das cartas de delação de poloneses à Gestapo contra seus vizinhos e conhecidos e Jan Grabowski tratou do fenômeno dos chantagistas e dos extorquidores poloneses (*szmalcownicy*) especialistas em identificar, chantagear, descobrir e delatar judeus ocultos aos alemães, principalmente em Varsóvia.⁴⁰

Teriam os judeus, as principais, mas não as únicas vítimas dos nazistas, agido diferente? É uma pergunta que Emanuel Ringelblum, o historiador do gueto de Varsóvia, não perguntou e não por falta de delatores judeus, ao contrário. Havia lá de todos os tipos, institucionalizados, organizados e *freelancer*.⁴¹ Ringelblum, no dia 18 de maio de 1942, questionou no seu diário se "acaso temos nós mais delatores e agentes da Gestapo do que os outros?"⁴² E, logo em seguida, registrou uma anedota que se ouvia a esse respeito nas ruas: "Dois judeus se encontram, um pergunta ao outro, como vai? O amigo lhe responde: um de nós trabalha com certeza para a Gestapo, portanto não respondo".⁴³ No estudo de Pinchas Bar Efrat, já mencionado, há um item sobre a delação de judeus por judeus, principalmente em Amsterdã. Não se trata de judeus que revelavam o paradeiro de outros judeus, inclusive pais e filhos, após sofrerem severas torturas nas mãos dos alemães, porém de delatores que faziam

³⁷ GELLATELY, 1990, p. 129-158.

³⁸ HALIMI, 1983, p. 29.

³⁹ BAR-EFRAT, 2016, p. 106-108.

⁴⁰ ENGELKING, 2007, p. 123-141; GRABOWSKI, 2008.

⁴¹ Relatório anônimo, escrito em 1943 e muito provável da autoria de um membro do BUND que relatou sobre três grupos de colaboradores (a) Os "13", assim conhecidos no gueto devido a sua sede encontrar-se na rua Leszno n. 13 (atual Solidarnosc); (b) a dupla Cohen-Heller, que veio fugida de Lodz e no gueto de Varsóvia se tornaram proprietários de meios de transportes e outras atividades econômicas; (c) colaboradores individuais cujos nomes aparecem no relatório. *Arquivo Yad Vashem*, p. 60\35.

⁴² RINGELBLUM, 1992, p. 363.

⁴³ RINGELBLUM, 1992, p. 363.



parte de duas outras categorias. A primeira era de judeus que revelaram aos alemães ou à polícia holandesa esconderijos de judeus na esperança de libertar parentes próximos das prisões; a segunda era de judeus que colaboraram e delataram por ganância.⁴⁴

Delatores judeus eram empecilhos na salvação de judeus por judeus. Oswald Rufeisen, também conhecido no Estado de Israel como "Pai Daniel" (da Ordem dos Carmelitas em Haifa), era um jovem judeu da Alta Silésia que se disfarçou de *folksdeutsche* (cidadão de origem étnica alemã) para servir de tradutor na polícia alemã de Mir (Bielorrússia). Aproveitando-se da confiança nele depositada pelos alemães, Rufeisen contrabandeou armas para membros da resistência do gueto local e não menos importante, transmitiu informações precisas sobre a data da destruição do gueto. Rufeisen foi delatado pelo judeu Moshe Stanislawski, sem que saibamos sua razão. Contudo, sagaz e astuto, Rufeisen conseguiu escapular e alcançar a floresta.⁴⁵ Aparentemente, havia condições para muitos judeus se salvar do gueto Mir, principalmente por Rufeisen haver informado e alertado sobre a iminente destruição. Mesmo assim, apenas 300 dos 850 judeus que viviam no gueto decidiram ou tiveram coragem para escapar pelas florestas.⁴⁶ Desses, poucos sobreviveram ao Holocausto e o cômputo da salvação do gueto Mir não foi diferente dos campos de trabalho de Janiszow, Zawichost, do gueto Markuszow e de outros guetos e campos onde ocorreram rebeliões e fugas em massa de judeus para as florestas.⁴⁷ No Leste europeu, à diferença da Europa Ocidental, não havia correlação entre fuga e salvação, muitas vezes, o resultado foi inverso, judeus que permaneceram em campos de trabalho e não fugiram tiveram maiores chances para sobreviver, conforme ocorreu nos campos de Budzyn e Krasnik, por exemplo.

Oskar Glick era um jovem judeu vienense que fugiu do *Anschluss* (Anexação) da Áustria para Riga e após a conquista da Letônia se refugiou em Wilno (Vilnius). Lá, ele se apresentou como *folksdeutsche* e, por intermédio de contatos que ele estabeleceu com os alemães, foi nomeado diretor da fábrica de peles Kailis, nas cercanias do gueto. Nessa empresa, de grande importância para a *Wehrmacht*, trabalhavam 800 à 1000 judeus em regime de trabalho forçado. Esse contingente foi instalado nas dependências da fábrica, fora dos limites do gueto. Nos poucos meses que Oskar Glick dirigiu a fábrica, os trabalhadores judeus usufruíram de certa autonomia e

⁴⁴ BAR-EFRAT, 2016, p. 147-158

⁴⁵ TEC, 1990, p. 150-151.

⁴⁶ RESNIK, 1962.

⁴⁷ Revolta no campo de trabalho ao lado de Luck (Volhynia, atual Ucrânia), em 11/12/1942, nos guetos da Bielorrússia: Tuczyn, em 24\25/9/1942; Lachwa, em 4/9/1942; Kobryn, em 14/10/1942; Pruzana, em 28/1/1943. Nieswiesz, em 21/7/1942; Zdzieciol (Zetl), em 6/8/1942; Nowogrodek, em 26/9/1943. Ver: SPECTOR, 1990.



melhores condições de vida comparadas com a dos judeus que viviam no gueto. Não judeus costumavam vir a fábrica para comerciar ou trocar objetos com os trabalhadores judeus e, enquanto Glick era seu diretor, a polícia judaica do gueto, sob chefia do chefe do conselho judeu, Ganz, ficou proibida de entrar, intrometer-se em assuntos internos ou impor autoridade sobre os judeus da fábrica Kailis.

A autonomia que usufruíam os judeus de Kailis era vital visto que a polícia judaica exigia seu quinhão do comércio que lá se processava, aspirava impor autoridade e reivindicava aos judeus de Kailis para fornecer contingentes para completar o número exigido pelos alemães para as expulsões e execuções de judeus em Ponary, conforme testemunho de Ella Lipnowska, uma das sobreviventes da fábrica.⁴⁸ Oskar Glick foi delatado à Gestapo, torturado e executado com sua esposa no início de 1942. Em Florença, o rabino Nathan Cassuto se arriscou para alertar e impedir alemães e fascistas italianos de aprisionar judeus de 1943 em diante. Após ser delatado, Cassuto foi deportado para Auschwitz e de lá não retornou.⁴⁹

Rishik Akser era um jovem judeu que havia sido preso em Lwow e no campo de Janowska situado na periferia da cidade. Lá, ele foi designado para trabalhar nos registros de prisioneiros e em outras tarefas que lhe conferiram vantagens para ajudar e salvar judeus. Akser costumava substituir o registro de judeus vivos pelos mortos ou assassinados para que pudessem escapar do campo evitando que as autoridades dessem falta deles. No entanto, ele se viu em más situações devido à presença funesta de delatores e de colaboradores dos alemães. No final, sofreu a traição de um deles.⁵⁰ No arquivo do Yad Vashem encontram-se seis testemunhos elogiosos de judeus salvos por Rishik Akser que relatam sobre seus atos e sua coragem.

4 Reflexões a título de conclusões

Apesar de o número significativo de tentativas de salvação de judeus por judeus e a importância que lhe conferimos, trata-se, contudo, de um fenômeno marginal do ponto de vista histórico e de seus resultados. Não se pode afirmar o mesmo em relação à importância do tema para fins educativos e para a identidade judaica. A marginalidade histórica do fenômeno descrito é um produto do poder destrutivo da “Solução Final” que não deixou margens para iniciativas judaicas, para autonomia e muito menos para o surgimento de possibilidades de salvação. Mesmo os Justos das Nações, por mais que tenham contribuído para o salvamento de judeus, foi

⁴⁸ Testemunho de Ella Lipnowska, *Arquivo Yad Vashem*, M 1 E\260; Grigori Schor, "A pretensão de Oskar Glick na empresa 'Kailis' em Wilno" (MILGRAM, 2010, p. 91-93); ARAD, 1982, p. 148-149.

⁴⁹ CAMPAGNANO em MILGRAM, 2010, p. 290-296.

⁵⁰ GUTERMAN em MILGRAM, 2010, p. 187-193.



igualmente um fenômeno ínfimo na história do Holocausto. No entanto, entre eles e os judeus que tentaram salvar outros judeus, há diferenças. A maioria dos salvadores judeus dependiam, entre outras, de ajuda logística, material e apoio de indivíduos, instituições religiosas, líderes e movimentos clandestinos não judaicos, especialmente na Europa Ocidental. Em muitos casos, a iniciativa para salvar judeus partiu dos próprios judeus, o que não diminuiu sua dependência do meio em que eles estavam inseridos.

Teriam judeus salvadores de judeus motivação idêntica aos Justos das Nações? Teriam os judeus salvo outros judeus motivados por obrigações morais ou razões humanitárias? Não encontramos na literatura indícios dessas motivações ou de outras além do comprometimento deles enquanto judeus. Considerações morais e humanitárias, geralmente fundamentais para o reconhecimento dos Justos das Nações, não tiveram peso algum nas motivações dos salvadores judeus. O mesmo se dá em relação às qualidades geralmente identificadas entre os Justos das Nações como: altruísmo, solidariedade, patriotismo, compaixão religiosa, resistência aos nazistas, amizade com judeus e outras mais que os judeus tinham expectativas para encontrar entre os não judeus. Aparentemente, deveríamos concluir que havia mais semelhanças do que diferenças entre ambos salvadores. Mas, no entanto, não. A polaridade na condição existencial do salvador judeu em contraposição ao não judeu fez a diferença. Todo não judeu sob ocupação alemã era potencialmente um Justo das Nações ao passo que todo judeu um condenado à morte em potencial.

A importância de ambas as categorias de salvadores reside no juízo de valor que formamos de cada uma delas, independente dos resultados quantitativos de suas ações. Oswald Rufeisen acreditava "que o judeu tinha obrigação, um dever, de salvar outros judeus, independentemente dos riscos".⁵¹

Parece que na consciência judaica, a expectativa do resgate do judeu por outro judeu é algo evidente que se espera de perseguidos em relação a outros na mesma situação e, portanto, não surpreende que ações de salvamento realizadas por judeus não tenham sido concebidas em termos heroicos ou merecedores de méritos. A alusão de Rufeisen quanto a obrigação e o dever de judeus de salvar a outros judeus, pressupõe que deveria haver entre eles padrões de comportamento e ética de quem compartilha o mesmo destino.

Essa expectativa ficou a desejar em se tratando de situações extremas como o Holocausto, em que todos tentaram, de forma natural e, antes de tudo, salvar-se a si próprio ou aos mais próximos. As circunstâncias ímpares impostas aos judeus no Holocausto fizeram com que raramente eles tivessem meios ou possibilidades para

⁵¹ TEC, 1990, p. 154-155.



salvar-se e, menos ainda, de salvar a outros, independentemente de valores ou moral. Há certamente os casos extremos, conforme vimos, que não passaram pela prova da solidariedade e da responsabilidade mútua como ficou patente na experiência de Rufeisen e de outros aqui mencionados, na qual eles próprios caíram vítimas de outros judeus que os traíram e os denunciaram aos alemães.

Por que a historiografia e a memória ignoraram o tema da salvação de judeus por judeus? Imprescindível considerar o enorme e sofisticado mecanismo de assassinato que os alemães implementaram com a ajuda de colaboradores em toda a Europa. O sistema que condenou judeus à morte foi de tal eficiência e dimensão que não surpreende a quantidade de fracassos que ocorreram na maioria das tentativas de salvação de judeus por judeus. Como estes superaram os sucessos, concluímos que os sobreviventes não se dispuseram a registrar e perpetuar histórias dessa natureza. Boa parte dessas memórias foram condenadas ao esquecimento e memórias de judeus salvadores, em contraposição à dos Justos das Nações, refletem situações embaçadas, com nuances e contratempos. Os judeus salvadores tiveram as mesmas experiências, dificuldades, dilemas, pressões e angústias dos judeus que eles pretendiam ajudar e salvar. São memórias que refletem ambiguidade, matices e reverses, com as complexidades do Holocausto e destituídas de imagens heroicas.⁵² E nada mais justo respeitá-los, e as suas memórias, e evitar que sejam abusadas e manipuladas para mistificação da história e outros fins.

Para concluir, nada melhor do que a reflexão de Ruth Bondy, jornalista, escritora e tradutora do checo ao hebraico, sobre o empreendimento excepcional realizado por Heinz Prossnitz, jovem judeu do movimento *Maccabi Hatzair* em Praga, que enviou grandes quantidades de comida e de roupa aos judeus do gueto Theresienstadt, aos judeus tchecos deportados para o gueto Lodz e para Auschwitz-Birkenau nos anos 1941-1944. Bondy foi uma delas. Após ter sido deportada para o campo das famílias checas BIIb de Birkenau, em dezembro de 1943, ela, afortunadamente, recebeu um pão inteiro por intermédio de Heinz Prossnitz.

Existe uma moral para a história de Heinz Prossnitz? A primeira conclusão é que, no reino do mal absoluto, o amor humano também é vencido. Mas pode-se concluir o inverso: nunca se deve desistir, mesmo perante algo vantajosamente destruidor. Uma pessoa nunca deve dizer: o que posso fazer, [sendo eu] uma peça isolada de uma engrenagem? Sim, Heinz Prossnitz foi derrotado, a maioria daqueles que receberam seus pacotes não sobreviveram, mas o pão, como nas pinturas de Magritte, paira sob

⁵² Ver, por exemplo, as memórias de duas salvadoras de judeus: MEED, 1959, e PELEG, 1987.



o céu impiedoso de Auschwitz como símbolo de identificação com o sofrimento dos outros".⁵³

Referências

- ADLER-RUDLER, Salomon. A Chronicle of Rescue Efforts. *Leo Baeck Yearbook XI*, p. 213-241, 1966.
- AFONSO, Rui. *Homem Bom, Aristides de Sousa Mendes*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.
- ARAD, Ytzhak. *Ghetto in flames: the Struggle and Destruction of the Jews in Vilna in the Holocaust*. New York: Holocaust Library, 1982.
- BAR-EFRAT, Pinchas. *Entre delação e salvação. A sociedade holandesa e o Holocausto*. Jerusalem: Yad Vashem, 2016.
- BLEICHMAN, Frank. *Rather die fighting: A memoir of World War II*. New York: Arcade Publishing, 2009.
- BONDY, Ruth. *Trapped: Essays on the History of Czech Jews, 1939-1943*. Jerusalem: Yad Vashem, 2008.
- CHOLAVSKI, Shalom. *Al neharot ha Niemen ve ha Dnieper: yahadut Bielorussia ha maaravit be milchemet haolam hashnia* (Nos rios Niemen e Dnieper: judaísmo da Bielorussia ocidental na Segunda Guerra Mundial). Tel Aviv: Moreshet & Sifriat Hapoalim, 1982.
- COHEN, Raya. *The Story of Witnesses of Destruction: Jewish Emissaries in Switzerland, 1939-1942*. Tel Aviv: Am Oved, 1999.
- ENCYCLOPEDIA of the Ghettos during the Holocaust. Jerusalem: Yad Vashem, 2009.
- ENGELKING, Barbara. *Adon GESTAPO ha nechbad. (Estimado senhor GESTAPO). Confrontando a memória – o cômputo polonês*. Tel Aviv: Hakibbutz Hameuchad, 2007.
- GRABOWSKI, Jan. *Je le connais, c'est un Juif! Varsovie 1939-1943. Le chantage contre les Juifs*. Paris: Calmann-Lévy \ Mémorial de la Shoah, 2008.
- ENGELKING, Barbara. *Such a Beautiful Sunny Day: Jews Seeking Refuge in the Polish Countryside, 1942-1945*. Jerusalem: Yad Vashem, 2016.
- ESHKOLI, Hava (Wagman). The Founding and Activity of the Hechalutz-Histadrut Rescue Center in Geneve, 1939-1942. *Yad Vashem Studies*. Jerusalem: Yad Vashem, 1990. p. 181-192.

⁵³ BONDY, 2008, p. 150-151.



- FRIEDLÄNDER, Saul. *A Alemanha nazista e os judeus: os anos de perseguição, 1933-1939*. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- GELLATELY, Robert. *The GESTAPO and German Society: Enforcing racial policy, 1933-1945*. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- GOLBERG, Amos. Refugees as a Symptom. *Yad Vashem Studies*. Jerusalem, n. 45, p. 187-202, 2017.
- GRABOWSKI, Jan. *Hunt for the Jews: Betrayal and Murder in German-Occupied Poland*. Bloomington: Indiana University Press, 2013.
- GRABOWSKI, Jan. *The Polish Police: Collaboration in the Holocaust*. Washington: United States Holocaust Memorial Museum, 2017.
- GRIFFIOEN, J. W.; ZELLER, R. A Comparative Analysis of the Persecution of the Jews in the Netherlands and Belgium during the Second World War. *Netherland's Journal of Social Sciences*, v. 34, p. 126-153, 1998.
- GROSS, Jan Tomasz. *Vizinhos: a história do massacre dos judeus de Jedwabne, na Polônia*. Lisboa: Pedra da Lua, 2010.
- GRUBER, Shmuel. Partisanos judeus no distrito de Lublin. *Yalkut Moreshet*, n. 18, p. 113-148, nov. 1974.
- HALIMI, Andre. *La delation sous l'Occupation*. Paris: Éditions Alain Moreau, 1983.
- KASSOW, Samuel D. *Quem escreverá nossa história? Os arquivos secretos do gueto de Varsóvia*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- KLONICKI, Aryeh. *The diary of Adam's Father: The diary of Aryeh Klonicki (Klonymus) and his wife Malwina, with letters concerning the fate of their child Adam*. Tel Aviv: Ghetto Fighters House & Hakibbutz Hameuchad, 1973.
- KLUKOWSKI, Zygmunt. *Diary from the years of occupation 1939-1944*. Trad. George Klukowski. Illinois: University of Illinois Press, 1993.
- KOIFMAN, Fábio. *Quixote nas trevas. O embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo*. São Paulo: Record, 2002.
- KRAKOWSKI, Shmuel. *The War of the Doomed*. New York: Holmes and Meier, 1984.
- KUCINSKI, Bernardo. *K. – Relato de uma busca*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.
- LESHEM, Perez. Rescue efforts in the Iberian Peninsula. *Leo Baeck Yearbook XIV*, 1969.
- MEED, Vladke. *Desde ambos lados del muro*. México: Edición del Fondo Mendelson, 1959.
- MILGRAM, Avraham (Ed.). *Ale iti be gorali: yehudim metzilim yehudim nochach ha hashmada (Jews rescuing Jews in the Holocaust)*. Jerusalem: Yad Vashem, 2014.



MILGRAM, Avraham (Ed.). *The Encyclopedia Among the Righteous Among the Nations, Supplementary volumes 2000-2005*. v. 1. Jerusalem: Yad Vashem, 2010.

MILGRAM, Avraham. *Portugal, Salazar and the Jews*. Jerusalem: Yad Vashem, 2011.

OFER, Dalia. The activities of the Jewish Agency in Istanbul in 1943. *Rescue attempts during the Holocaust: proceedings of the second Yad Vashem international historical conference*. Jerusalem, April 8-11, p. 435-450, 1974.

PELEG, Miriam (Marianska). *Mechutz le chomot ha gueto be Krakow hakvuscha*. Jerusalem: Yad Vashem, 1987.

PRAIS, Lea. *Displaced Persons at home: refugees in the fabric of Jewish life in Warsaw, September 1939-July 1942*. Jerusalem: Yad Vashem, 2015.

RESNIK, Dov. *Hatzala Umeri shel yehudei Mir (Salvação e revolta dos judeus de Mir)*. *Sefer Mir*, redatado por Nachman Blumental. Jerusalem, 1962.

RINGELBLUM, Emanuel. *Yoman ve reshimot mitkufat ha milchama – gueto Varsha, September 1939 – Detzember 1942 (Diário e notas do gueto de Varsóvia, Setembro 1939 – Dezembro 1942)*. Jerusalem: Yad Vashem, 1992.

SAKOWICZ, Kazimierz. *Ponary Diary, 1941-1943. A Bystander's Account of a Mass Murder*. (Ed. By Yitzhak Arad). Yale: Yale University Press, 2005. p. 16.

SHTOKFISZ, David (Ed.). *Aniquilação e Heroísmo da cidade de Markuszow*. Tel Aviv: Associação dos imigrantes de Markuszow, 1955.

SILBERKLANG, David. *The Holocaust in the Lublin District*. Jerusalem: Yad Vashem, 2013.

SPECTOR, Shmuel (Ed.). *Pinkas Hakehillot: Encyclopaedia of Jewish Communities – Poland*. v. V. Jerusalem: Yad Vashem, 1990.

TEC, Nechama. *In the lion's den – the life of Oswald Rufeisen*. New York: Oxford University Press, 1990.

TRUNK, Isaiah. *Judenrat – The Jewish Councils in Eastern Europe under Nazi occupation*. New York: Macmillan Company, 1972.

WHEELER, Douglas L. And Who Is My Neighbor? A World War II Hero or Conscience for Portugal? *Luso-Brazilian Review* XXVI, 1, p. 119–139, 1989.

Recebido em: 09/08/2017.

Aprovado em: 09/10/2017.